

ESCOLA RURAL: HISTÓRIA, MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES¹.

Rural school: History, memorie and socials representations

Sandra Cristina Faundes de Lima

RESUMO

O objetivo deste texto é discutir a escola rural, em funcionamento na cidade de Uberlândia no período que compreende os anos de 1933 a 1959, tendo em vista apreender as representações que Jerônimo Arantes produziu a respeito daqueles estabelecimentos de ensino, bem como os liames estabelecidos entre educação e política. Para discutir esses aspectos, empregamos como fonte tanto os documentos pertencentes à Coleção Professor Jerônimo Arantes (CPJA), depositados no Arquivo Público de Uberlândia (APU) - fotografias, jornais, livros, revistas, correspondência pessoal, memorandos e ofícios expedidos e recebidos pelo Serviço de Educação e Saúde do Município e também pelo Diretório Municipal de Estatísticas, recortes de jornais e revistas, quanto jornais, revistas e atas das reuniões escolares incorporados ao acervo geral daquele mesmo Arquivo. Utilizamos, também, as fontes orais por meio de entrevistas e informações verbais obtidas junto a pessoas que conheceram e conviveram com Arantes na cidade de Uberlândia.

Palavras-chave: Educação, Política e Representações.

ABSTRACT

The purpose of this study is to discuss about the country school, located in Uberlândia, during the years of 1933 to 1959. Therefore, it will be analyzed the representations constructed by Jerônimo about public schools and the links between those institutions and politics. In order to discuss these issues, we used the documents belonging to the collection of Jerônimo Arantes (CPJA), available in the public archive in Uberlândia (APU) pictures, newspapers, books, magazines, personal mails, official documents received and sent by the Educational and Health Departments of the city and the Municipal Bureau of Statistics and clips of newspaper and magazines. Newspaper, magazines and school records of proceedings from the same archive were also used as research sources. Oral interviews and verbal information taken from people who knew and lived with Arantes in Uberlândia were used as research sources, too.

Key- words: Education, Politics and Representations.

¹ Essas reflexões foram desenvolvidas na tese de doutorado: *Memória de si, história dos outros: Jerônimo Arantes, a educação, a política e a história em Uberlândia nos anos de 1919 a 1961*, defendida no Departamento de História do IFCH/UNICAMP.

² Doutora em História pela UNICAMP e profª da Universidade Federal de Uberlândia.

I

Este texto tem como objetivo apreender as representações construídas por Jerônimo Arantes (1892-1983) em torno da educação escolar municipal em Uberlândia/MG, bem como o envolvimento destas com a política durante as décadas de 1933 a 1959. Arantes mudou-se para aquela cidade em 1919, onde exerceu a docência no curso primário, foi proprietário de escola (o *Colégio Amor às Letras*) e, depois, funcionário público. Em meio às suas atividades no âmbito da educação escolar, elaborou e editou durante três décadas a revista *Uberlândia Ilustrada* (1936-1961); colecionou documentos e formou o *Arquivo Histórico*; produziu a *Cartilha Brasileira* e mais três livros voltados para o ensino primário; escreveu artigos e livros acerca da história de Uberlândia e compôs muitos versos sobre a vida escolar, a cidade, o campo, o amor e outros temas².

Tendo em vista a sua longa permanência no exercício de cargos de confiança do poder executivo municipal (1933-1959) – primeiro como inspetor de ensino, depois como chefe do Serviço de Educação e Saúde do Município (SESM), fosse administrando fosse fiscalizando o trabalho realizado pelos professores nas escolas municipais, formulamos a seguinte indagação: Quais eram as representações tecidas por Arantes acerca das escolas mantidas e fiscalizadas pelo município e quais os nexos estabelecidos por ele entre estas escolas e o poder político local?

Para imergir na temporalidade que elegemos e também para discutir a problemática levantada empregamos como fonte os documentos escritos e iconográficos que compõem a *Coleção Professor Jerônimo Arantes* (CPJA), depositados no Arquivo Público de Uberlândia (APU): livros, jornais, revistas, correspondência pessoal, ofícios e memorandos expedidos e recebidos pelo SESM, bem como as fotografias retratando as escolas rurais no período em que Arantes as fiscalizava. Utilizamos também as atas das reuniões escolares e os jornais que não fazem parte da referida coleção. Por fim, trabalhamos com fontes orais, produzidas por meio de entrevistas realizadas com familiares, amigos e conhecidos de Arantes.

II

Pela leitura da documentação referente ao período investigado, constatamos a existência de diversos problemas relacionados à educação escolar municipal. Sendo que um dos mais criticados era aquele relativo à falta de infra-estrutura das escolas rurais onde atuavam os professores do município, pois os investimentos públicos não eram suficientes para construir edifícios específicos onde pudessem ser ministradas as aulas e tampouco para conservar e readequar a estrutura já existente. Em função disso, improvisavam-se salas de aula em lugares totalmente inadequados, tais como: ranchos de palha e em cômodos pequenos, insalubres, mal iluminados e desconfortáveis. Além de as instalações apresentarem um péssimo estado de conservação, havia também o problema de ser algumas escolas instaladas no mesmo edifício onde residiam famílias, resultando na mais completa ausência de privacidade para os alunos, professores e para os habitantes da *casa de escola*. (BRANDÃO, 1983).

² ARANTES, J. *Corografia ilustrada de município de Uberlândia*. Uberlândia, 1967b. (Datilografado). APU. CPJA.

_____. *Cromos*. Musa vadia de Dalbas Júnior. Uberlândia: [s.n.], 1981a. APU. CPJA.

_____. *Cartilha brasileira*. Uberlândia: Livraria Kosmos, 1938b. Acervo Delvar Arantes.

_____. *Cidade dos sonhos meus*. Uberlândia, 1975. (Datilografado). Acervo Delvar Arantes.

_____. *Cidade dos sonhos meus*. 2. ed. Uberlândia, 1981b. (Datilografado). Acervo Delvar Arantes.

_____. *Cidade dos sonhos meus*: memória histórica de Uberlândia. 2 ed. revista, ampliada e ricamente ilustrada, Uberlândia, 1981c. (Datilografado). Acervo Delvar Arantes.

_____. *A cidade*. Uberlândia dos primeiros tempos. Uberlândia, 1971a. (Datilografado). Acervo Delvar Arantes.

_____. *Colibri*. Literatura Infantil. Uberlândia, 1976. (Datilografado). Acervo Delvar Arantes.

_____. *Corografia do município de Uberlândia*. Uberlândia, Pavan, 1938c. Acervo Delvar Arantes.

_____. *Crônicas sociais*. Uberlândia, 1977. (Datilografado). Acervo Delvar Arantes.

_____. *Memória histórica de Uberlândia*: Fundação da cidade. Uberlândia: Livraria Kosmos, 1969. Acervo Delvar Arantes.

_____. *Memória histórica de Uberlândia*: Organização e administração do município de Uberlândia. Uberlândia, 1962, não paginado. V.2. (Datilografado). Acervo Delvar Arantes.

_____. *Memória histórica de Uberlândia*: Setor ferroviário. Alta Mogiana. Uberlândia: [s.n.], [1970]. Acervo Delvar Arantes.

_____. *Meu Aprendizado agrícola*. Uberlândia, s.d. (Datilografado). Acervo Delvar Arantes.

_____. *Minha escola modelo*. Uberlândia: Livraria Kosmos, 1938d. Acervo Delvar Arantes.

_____. *Uberlândia, cidade dos sonhos meus*. Uberlândia: [s.n.], 1967c. APU. CPJA.

Quando a localidade contava com salas de aula, mesmo que instaladas em prédios impróprios, como aqueles descritos acima, não havia recursos sequer para dotá-las com os móveis e utensílios imprescindíveis ao desenvolvimento das atividades de ensino. Havia carência de sanitários, livros, filtros de água, iluminação (esta, quando existia, era quase sempre precária) e demais condições mínimas necessárias para que o professor pudesse desempenhar suas funções de forma a assegurar um ensino de “qualidade”. Havia escassez, inclusive, de carteiras. Até mesmo o quadro negro, instrumento essencial quando não se têm livros em número suficiente para atender às necessidades dos alunos, era desgastado e/ou inexistente.

Fosse em virtude da falta de recursos fosse em função da debilidade de interesse demonstrada por parte do poder público em investir na educação escolar do homem do campo, as escolas rurais do município de Uberlândia permaneceram, durante o tempo que cobre esta pesquisa, mergulhadas em toda sorte de problemas. Essa extrema fragilidade existente no funcionamento da escola municipal foi definida de forma muito contundente na expressão empregada pelo jornalista Lycido Paes para definir o ensino rural. Segundo ele, os reveses pelos quais passava aquele ensino eram tão exorbitantes que tornavam a escola rural um “verdadeiro simulacro”³.

Simulacro que começava na omissão dos governos em aprovar e implementar políticas públicas de investimento e incentivo à criação de novos estabelecimentos de ensino, assim como de manutenção daqueles já existentes. Preteridas pelo poder político, essas escolas contavam para seu funcionamento com a iniciativa dos fazendeiros que, muitas vezes, assumiam as despesas com a construção dos prédios e/ou liberação de espaço físico nas edificações já instaladas em suas propriedades; responsabilizavam-se, também, pela oferta de alojamento para os professores bem como pelos demais recursos necessários ao desenvolvimento da educação escolar não assumidos pelo governo do município⁴.

Tão grave quanto o aspecto relacionado à escassez de investimentos direcionados para a manutenção das escolas rurais, eram os problemas referentes aos professores e à sua falta de instrução. Até a primeira metade do século, era alarmante a situação das escolas funcionando com o trabalho de professores semi-alfabetizados, sobretudo no que dizia respeito ao ensino rural, em que era grande a dificuldade em selecionar, em seu meio, profissionais formados, tanto em razão da baixa qualificação dos seus habitantes quanto em função dos obstáculos existentes ao acesso às fazendas onde se localizavam as escolas tais como: precariedade nos meios de transporte e insalubridade das residências e/ou alojamentos⁵. Somava-se a todo esse despreparo, a ausência de condições mínimas que pudessem facilitar-lhes a execução das tarefas, assim como o descaso com que eram tratados esses profissionais pelo poder público: baixos salários, alojamentos insalubres e instabilidade no emprego⁶.

A despeito de tanta precariedade, o olhar dirigido por Arantes ao ensino do município era benevolente e, por conseguinte, matizado pela complacência. Desta forma, reconhecia que eram poucos os recursos, mas, por outro lado, acreditava que o município empenhava-se, dentro das suas limitações, para garantir à população um ensino primário de acordo com os padrões do que deveria ser uma boa escola (professores preparados, infra-estrutura adequada e prédios higienizados) e, por isso, não aceitava passivamente as críticas publicadas em um ou outro jornal. Ao contrário, sempre que a ocasião permitia, tornava público o seu reconhecimento pelo trabalho que os prefeitos vinham desempenhando em benefício da escolarização dos habitantes da cidade e da zona rural. Ao proferir um discurso, durante a cerimônia de inauguração da Escola Pública Municipal do Bairro Divisa, ele enfatizou a atuação positiva da prefeitura local em prol da educação escolar:

³ PAES, L. Em torno de um libelo. *Diário de Uberlândia*, Uberlândia, não paginado, 29 maio 1936. APU. CPJA.

⁴ Segundo Fortes, a contribuição dos fazendeiros para a manutenção de algumas escolas rurais no estado de Minas, suprimindo a omissão do poder público, ia desde o fornecimento de merenda escolar, até a compra de lápis e cadernos para os alunos. (FORTES, dez. 1993/ jun. 1994, p. 82).

⁵ ROMEIRO, Orávia. O professor rural. *A Escola Rural*, Uberlândia, não paginado, 15 jul. 1934. APU. CPJA.

⁶ Há que se acrescentar que a escola primária urbana mantida pelo governo estadual não apresentava condições de funcionamento muito melhores do que as localizadas na zona rural e inspecionadas pelo município. No ano de 1952, um jornal criticou a atuação do governo do estado no tocante à manutenção de suas escolas. Naquele ano, a imprensa local divulgou uma série de denúncias acerca do descaso do governo estadual para com os problemas existentes no Grupo Escolar Coronel Carneiro. (MARIA TERESA. Gravíssimas falhas em matéria de educação dentro da cidade. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, não paginado, 11 mar. 1952. APU).

Disse bem do interesse do governo municipal para instruir a mocidade rural outrora desprotegida dos governos que não cuidaram da instrução dos habitantes do município, agora carinhosamente cuidada como se pode atestar com o grande número de escolas que funcionam em diversos pontos do município...⁷

A abertura de escolas, por exemplo, era sempre motivo para cobrir de elogios o chefe do executivo, conforme registrado nas atas redigidas em maio de 1939, quando nove escolas rurais foram inauguradas. Em várias passagens desses documentos, Arantes registrou os aspectos positivos da atuação dos prefeitos em benefício do desenvolvimento do ensino escolar em Uberlândia. Reconhecia a existência de alguns problemas, mas, sobretudo, ressaltava as iniciativas do chefe do Executivo em solucioná-los⁸.

É também nesse sentido que procurava com freqüência valorizar os empreendimentos que a comunidade rural realizava tanto na construção de escolas quanto na doação de edifícios para que estas funcionassem e/ou no financiamento das reformas de antigos prédios, dando a entender que as iniciativas particulares eram uma conseqüência natural do civismo do homem do campo e da consciência de seu dever para com a instrução de crianças e que, por isso, não poderiam ser interpretadas como significado da omissão dos governos municipais diante da sua obrigação em assegurar a educação pública primária a todos aqueles que dela necessitassem⁹.

Era ciente também da situação de debilidade das instalações onde funcionavam algumas escolas, mas fazia o possível para mitigar o estado de penúria de muitas delas, como, por exemplo, na descrição otimista que fornece da instalação precária e imprópria da Escola Pública Municipal do Bairro Estivinha: “A escola funciona num rancho de palha oferecendo boa acomodação aos escolares, comportando folgadoamente os móveis de uso”¹⁰.

Arantes não desconhecia igualmente a deficiência que perpassava a formação de alguns professores, sobretudo daqueles que prestavam serviços nas escolas rurais, mas, por outro lado, não os criticava de forma contundente, no máximo, registrava amenas notas de reprovações ao método de ensino empregado para a transmissão dos conteúdos e os alertava quanto aos resultados incipientes verificados no processo de aprendizagem.

É de se lastimar a pequena porcentagem de aproveitamento verificada tendo as aulas funcionado normalmente durante o ano letivo. Esta observação servirá de incentivo para que seja o trabalho do professor ministrado com mais eficiência no próximo ano vindouro.¹¹

Da mesma forma, de acordo com o que se depreende dos seus registros oficiais, sabia como era difícil a vida no campo e não exigia muito dos alunos, a não ser assiduidade, um bom desempenho nas provas dos exames finais e um comportamento e aparência adequados à disciplina necessária ao pleno desenvolvimento das atividades escolares.

Não ignoramos, todavia, que essa positividade com a qual Arantes tecia as suas considerações acerca da escola municipal, e que perpassava também muitas crônicas, artigos, editoriais e demais textos publicados na imprensa local, fazia parte de um conjunto de representações pacientemente elaborado, cuja finalidade era valorizar o ensino público municipal e, por conseguinte, majorar a sua própria atuação na condição de educador e, depois, funcionário público a serviço da educação mantida pela prefeitura de Uberlândia.

Os traços dessa visão otimista ficaram impressos não só nos registros das atividades constantes nas atas das reuniões escolares e artigos que ele publicou na imprensa local, tanto aqueles veiculados pelos jornais quanto os que apareceram nas páginas da revista *Uberlândia Ilustrada*, mas podem ser encontrados também na seguinte documentação: dados estatísticos referentes ao ensino público em

⁷ UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata de instalação da Escola Pública Municipal do Bairro Divisa realizada no dia 13 maio 1938*. Uberlândia, 1938. Livro 98, p. 3. APU. ARE.

⁸ UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Atas das reuniões escolares*. Uberlândia, 1933-1959. APU. ARE.

⁹ UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata de exames realizados no dia 16 out. 1952*. Uberlândia, 1952. Livro 104, p. 8. APU. ARE.

¹⁰ UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata de exames realizados no dia 25 out. 1949*. Uberlândia, 1949. Livro 2, p. 2. APU. ARE.

¹¹ UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata de exames realizados no dia 15 nov. 1941*. Uberlândia, 1941. Livro 98, p. 11. APU. ARE.

funcionamento na cidade e, principalmente, nas várias fotografias das escolas rurais com que ele colaborou para que fossem produzidas e que depois manteve em seu arquivo.

Sobre o interesse que Arantes parecia nutrir pela estatística, podemos supor que estivesse relacionado ao reconhecimento que esse método de investigação passou a desfrutar nas primeiras décadas do século XX. Dentre as representações que emergiram a partir de então, destaca-se a valorização das estatísticas como um dos instrumentos eficazes para se obter a plena racionalidade do conhecimento acerca dos fatos que compõem o real. Engendrou-se a crença de que a elaboração de dados estatísticos, assim como o seu emprego, garantiria aos estados a prerrogativa de intervir no real de forma racionalizada, posto que fundamentados em conhecimentos extraídos da realidade. Nesse sentido, o resultado positivo presente nos números poderia significar o salto em direção ao tão propalado “mundo civilizado”. (MARTIN, 2001, p. 14).

Transposta para a questão educacional, essa posituação da estatística tornou-se, ao final do século XIX e nas primeiras décadas do XX, um instrumento fundamental para que o estado divulgasse os seus investimentos e, por outro lado, para que interviesse no campo da educação escolar. De fato, esse instrumento assegurava aos governos a possibilidade de tornar visíveis os investimentos que realizavam na educação escolar. Contudo, por outro lado, a estatística também poderia revelar uma faceta mais sombria do problema, qual seja, aquela concernente às mazelas que perpassavam as escolas no país. Por esse motivo, a propagação dos dados reveladores desse aspecto era sempre evitada. (FARIA FILHO; BICCAS, jan./jun./jul./dez. 2000).

Tendo, pois, como preocupação esse emprego racionalizado dos números e, por conseguinte, a possibilidade que eles engendraram de servir como propaganda política, a estatística educacional foi amplamente empregada no estado de Minas Gerais, assim como nos demais estados da federação, a partir do final do século XIX. (FARIA FILHO; BICCAS, op.cit.). Essa apologia em torno dos dados numéricos também contagiou Uberlândia e sendo Arantes, além de inspetor de ensino, membro do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ele investiu na organização dos números relativos à educação no município e, sobretudo, na sua divulgação nos veículos impressos existentes no período, tais como os jornais que circulavam em Uberlândia e a revista de sua propriedade. Arantes apresentava dados comparativos por meio dos quais era possível acompanhar a trajetória ascendente dos investimentos municipais aplicados ao ensino escolar, e como os dados apresentados circunscreviam-se aos aspectos positivos da questão, em detrimento da divulgação dos problemas existentes, os seus efeitos revestiam-se sempre de um matiz otimista¹².

Nesse sentido, as estatísticas elaboradas por Arantes, referentes ao número de alunos escolarizados pelo município, detinham-se, principalmente, na divulgação do total de pessoas matriculadas sem tocar na questão da carência de vagas existentes nas escolas públicas municipais. Ainda que ele apresentasse os dados relativos à frequência, evitava comentá-los, uma vez que os resultados eram quase sempre problemáticos; pois, era muito alto o número relativo à evasão escolar. Explicando uma análise da relação entre a matrícula e a frequência, poder-se-ia revelar a dimensão do problema e, com isso, comprometer a imagem de representantes políticos que utilizavam os “investimentos” na educação escolar como mote para as propagandas eleitorais veiculadas durante as campanhas. Por outro lado, esquivando-se de tocar no problema da baixa frequência, Arantes contribuía para que fosse edificada uma representação otimista do período em que esteve à frente dos negócios educacionais no município e, conseqüentemente, produzia elementos para a construção da sua própria memória em termos positivos¹³.

¹² Algumas das estatísticas publicadas na década de 1950 podem ser encontradas nos seguintes jornais: MELLO, João Edson de. A instrução primária em Uberlândia. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, não paginado, 14 dez. 1950. APU./ INSTRUÇÃO municipal, *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, p. 2, 15 dez. 1951. APU. / EDUCAÇÃO pública municipal. Estatística escolar. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, p. 03, 31 dez. 1952. APU. / PREFEITURA Municipal de Uberlândia. *Suplemento Comercial Ilustrado*, Araguari, p. 06, 1952. APU. CPJA./ INSTRUÇÃO municipal. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, não paginado, 25 abr. 1955. APU.

¹³ Algumas das estatísticas publicadas na década de 1950 podem ser encontradas nos seguintes jornais: MELLO, João Edson de. A instrução primária em Uberlândia. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, não paginado, 14 dez. 1950. APU./ INSTRUÇÃO municipal, 15 dez. 1951, op. cit./ EDUCAÇÃO pública municipal. Estatística escolar. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, p. 03, 31 dez. 1952. APU./ PREFEITURA Municipal de Uberlândia. *Suplemento Comercial Ilustrado*, Araguari, p. 06, 1952. APU. CPJA./ INSTRUÇÃO municipal, 25 abr. 1955, op. cit.

Arantes, portanto, objetivava com a utilização desse instrumento, por um lado, tornar visíveis as ações municipais, das quais era co-responsável, em prol da escola pública no meio urbano e rural; por outro, evidenciar a si próprio, fosse como agente municipal de ensino fosse enquanto pesquisador e ordenador de dados. Nesse sentido, a eficácia da sua estratégia seria tanto mais profícua quanto mais se difundisse o lado positivo dos números apresentados. A legitimidade dos dados estaria garantida, uma vez que os números partiam de uma autoridade do ensino municipal e também de um homem cujo trabalho com a pesquisa era do conhecimento público. (DESROSIÈRE, 1997).

Além das estatísticas educacionais, as fotografias foram outro instrumento largamente empregado por Arantes, cuja utilização lhe serviu para construir uma dada representação de si próprio e da escola pública municipal existente na cidade. Se contássemos apenas com as imagens fotográficas como registros das atividades escolares existentes no meio rural em Uberlândia, no período em que ele foi inspetor de ensino e depois chefe do SEM, ficaríamos com a impressão de que a escola rural ignorava a escassez de verbas, seus professores eram bem remunerados e abundavam recursos nas famílias dos alunos nela matriculados. No entanto não era essa a realidade que emergia dos documentos à medida que nos aprofundávamos na pesquisa, ou, pelo menos, não era essa a realidade da maioria das escolas rurais aqui existentes.

As fotografias foram tiradas a partir de uma seleção cuidadosamente elaborada por Arantes, tendo como critério de escolha documentar apenas os estabelecimentos instalados nas regiões mais prósperas habitadas por alguns camponeses portadores de maiores recursos e que, notadamente, recebiam verbas e maiores investimentos públicos, denotando a “sucessão de escolhas” pela qual passa o assunto na imagem fotografada. (KOSSOY, 2002, p. 27). Além disso, as imagens eram registradas em alguns momentos muito especiais, a saber, nos dias em que eram realizados os exames finais. Esses exames representavam para a comunidade escolar uma cerimônia revestida de respeito, na qual todos os participantes tinham a preocupação de apresentar-se da melhor forma possível, e, ao fotografar as escolas apenas nesses instantes extraordinários, Arantes legou uma imagem da educação rural mantida pelo município que não correspondia ao cotidiano mais rotineiro daquelas escolas. As imagens constituíam-se antes em instantâneos de uma situação inabitual, obtidos por meio de uma encenação cujo cenário e figurinos eram muito bem dirigidos. Conforme ressaltou Kossoy, as fotografias “... nos mostram um fragmento selecionado da aparência das coisas, das pessoas, dos fatos, tal como foram (estética/ideologicamente) congelados num dado momento de sua existência/ocorrência”. (KOSSOY, 2002, p. 21.)

Dessa forma, é comum aparecer nessas fotografias uma ambientação e uma situação recorrentes, a saber, quase todas retratam os prédios das escolas pelo lado externo e o conjunto de seus alunos e corpo docente em poses nada espontâneas; em várias delas o professor Arantes deixou-se fotografar entre os escolares. A ocasião parecia sempre caracterizada por um momento solene e festivo, pois os alunos eram flagrados usando uniformes cuidadosamente preparados, que incluíam sapatos e meias para as meninas e chapéu para os meninos. Além do traje, a solenidade da foto podia ser verificada também pela falta de espontaneidade com a qual era retratado o ambiente escolar. Na maior parte das imagens registradas, os alunos encontravam-se sempre enfileirados, às vezes, alguns permaneciam sentados, obedecendo a uma ordem de tamanho e uma divisão por sexo, as meninas de um lado e os garotos de outro; em outras fotos ou eles estão de mãos dadas ou apresentam os braços rigidamente estendidos ao longo do tronco. Separando as fileiras, encontravam-se os professores e demais autoridades que, sempre bem vestidas, conservavam um ar de aprovação. As duas imagens reproduzidas a seguir (Figuras 1 e 2) possibilitam visualizar aspectos dessa análise.

Era, então, a imagem congelada das escolas rurais em dias festivos, em momentos excepcionais, que parece ter sido eleita por Arantes para retratar a situação do ensino municipal em Uberlândia na época em que ele foi uma de suas principais autoridades. Ao tentar cristalizar, por meio do registro fotográfico, a representação das escolas municipais como *locus* da disciplina, da abastança e da harmonia, ele, ao mesmo tempo, produziu a representação de seu trabalho como fonte do sucesso dessas instituições de ensino.

Devemos, contudo, ressaltar que, para tornar eficaz essa sua imagem, era necessário também elevar o padrão do ensino municipal, fosse reivindicando a ampliação do número de estabelecimentos de ensino e tentando melhorar o estado de conservação daqueles já existentes, fosse acompanhando o trabalho dos professores, elogiando os seus esforços e estimulando-os a melhor desempenhar as suas funções no magistério. Tarefas cuidadosamente executadas por Arantes.



Figura 1 - Alunos e professores da Escola Municipal Jerônimo Arantes.
Sem data. CPJA, APU.



Figura 2 - Alunos e Professores da Escola Municipal Rural Marimbondo.
Sem data. CPJA, APU.

O esforço que envidou no sentido de construir uma memória edificante para a educação municipal e, por conseguinte, de tentar associá-la a si próprio não parece ter sido em vão, pois, sempre que se discutia a educação escolar em Uberlândia, Arantes era citado como sinônimo de trabalhador devotado às grandes causas do ensino primário no município, particularmente, ao ensino ministrado na zona rural. Nos primeiros anos de seu ingresso no serviço público, já era ressaltada a eficiência que demonstrava no cumprimento de suas funções atinentes à fiscalização do ensino e, por conseguinte, a lealdade devotada ao prefeito, segundo divulgou o jornal *O Repórter* em 1937¹⁴. Ao discutir os aspectos

¹⁴ RELATÓRIO escolar. *O Repórter*, Uberlândia, não paginado, 12 dez. 1937. APU.

positivos da educação pública municipal, o mesmo jornal, no ano de 1941, novamente pôs em relevo esse aspecto da imagem de Arantes relacionada ao governo do município de Uberlândia¹⁵. Em 1942, depois de elogiar a administração do prefeito Vasco Giffoni, o jornal *A Tribuna* louvou a atitude do prefeito em ter nomeado, na década anterior, Arantes como inspetor municipal de ensino¹⁶. Nove anos após, em 1951, o jornal *Correio de Uberlândia* prestou uma homenagem a Arantes na qual frisou a sua luta em benefício do aperfeiçoamento da escola pública na cidade, sobretudo, do aprimoramento do ensino primário, por meio do qual se reforçava essa representação¹⁷.

Esse reconhecimento pelo trabalho desempenhado por Arantes na educação o acompanhou do início ao fim da carreira no serviço público, pois, ao aposentar-se, no ano de 1959, ele redigiu um texto intitulado *Minha aposentadoria* e, ao comentá-lo, a revista *Elite Magazine* prestou-lhe homenagem, louvando seu desempenho na administração das escolas rurais¹⁸. Na solenidade de entrega da comenda de *Cidadão Uberlandense*, com a qual Arantes foi homenageado pela Câmara Municipal na década de 1970, o orador, em um longo discurso, do qual reproduzimos um fragmento, destacou a relevância de seu trabalho no âmbito do ensino rural: "... cada escola rural do município de Uberlândia seja a Tenda, Marimbondão, Cruz Branca, Monjolinho, (...) tem um forte elo com esse dedicado mestre que deu o melhor do seu trabalho ao desenvolvimento do ensino na zona rural"¹⁹.

Arantes auxiliou na construção de sua representação como funcionário público exemplar que, a despeito das dificuldades, principalmente aquelas de ordem material, e do descaso de alguns prefeitos, não deixara de trabalhar para o desenvolvimento da educação escolar do município. Toda essa representação não se deu de forma natural, ao contrário, contou com a diligência de Arantes que, para elaborá-la, recorreu às estatísticas e aos relatórios, por meio dos quais revelou a expansão do número de escolas e, portanto, de crianças alfabetizadas pelo município; utilizou-se da imprensa como veículo propagador de seu trabalho, pois publicava nos jornais os resultados dos levantamentos estatísticos, escrevia artigos para refutar as críticas que porventura eram dirigidas à educação municipal; por fim, deixou diversas fotografias retratando o ambiente escolar da zona rural em momentos extraordinários.

Em um período que valorizava a escola como fator de crescimento da nação e de civilização de seu povo (NAGLE, 2001), o trabalho desenvolvido por Arantes, ainda que lhe tenha servido para construir uma dada memória acerca de si próprio, foi também ao encontro do interesse do poder público municipal de fortalecer-se politicamente por meio da visibilidade do investimento na educação escolar. Nesse sentido, ao longo das décadas pesquisadas, observamos algumas estratégias empregadas pelos prefeitos com a finalidade de estabelecer vínculos políticos com a população beneficiada pela abertura de estabelecimentos educacionais e/ou melhoria e ampliação daqueles já existentes. Dentre essas estratégias, destacamos, em primeiro lugar, as visitas realizadas pelos prefeitos, seus representantes e candidatos às escolas, fosse para participar das suas festas e inaugurar novos prédios fosse para realizar comícios. Em segundo lugar, apreendemos que tais visitas, incluindo aquelas de rotina realizadas pelo inspetor escolar, tinham um caráter marcadamente político, posto que eram inspecionados prioritariamente os estabelecimentos de ensino cuja localização poderia resultar em mais votos para os candidatos ao poder político no município de Uberlândia. Por um lado, portanto, os liames existentes entre a política e a educação instituíam-se por meio da freqüentação, pois os políticos e/ou seus representantes, incluindo-se Arantes, compareciam amiúde às festividades e demais eventos realizados em alguns dos estabelecimentos escolares existentes no município.

Contudo, entendemos que essas mesmas relações (política/educação) ancoravam-se em um jogo que não se definia apenas pela presença, mas que, ao contrário, prescrevia suas regras em procedimentos caracterizados pela ausência. É dessa forma que atribuímos a exclusão de muitas escolas do roteiro de visita das autoridades educacionais do município como tendo sido outra estratégia empregada para estabelecer as balizas no que dizia respeito aos laços existentes entre a

¹⁵ INSTRUÇÃO pública municipal. *O Repórter*, Uberlândia, p. 2, 29 nov. 1941. APU.

¹⁶ UM progresso soberbo fixa uma ótima administração. *A Tribuna*, Uberlândia, não paginado, 05 jul. 1942. APU. CPJA.

¹⁷ INSTRUÇÃO Municipal, 15 dez. 1951, op. cit.

¹⁸ MINHA aposentadoria. *Elite Magazine*, Uberlândia, n. 16, p. 8, maio 1959. APU. CPJA.

¹⁹ PAVAN, Angelino. Jerônimo Arantes: cidadão uberlandense. *O Triângulo*, Uberlândia, não paginado, 02 maio 1970. APU. CPJA.

educação escolar e o poder político local. Antônio P. da Silva, ao assumir a Secretaria de Ação Social do município de Uberlândia, no início da década de 1960, constatou haver, naquele período, escolas na zona rural que nunca tinham recebido a visita de uma autoridade educacional, fosse o inspetor escolar municipal, fosse o chefe do SESM. O fato de algumas dessas escolas serem muito antigas, contando com aproximadamente 20 anos de instalação, tornava a situação ainda mais grave. (Informação verbal)²⁰.

O que explicaria a ausência de inspeção presencial nessas escolas? Pensamos que o fator principal desse descaso residia na seguinte questão: a comunidade rural que habitava a região onde estavam instalados tais estabelecimentos escolares não representava peso político. Normalmente, eram localidades nas quais os fazendeiros não dispunham de muitos recursos e, por conseguinte, não poderiam contribuir com o financiamento das campanhas políticas. Além disso, por não serem grandes proprietários de terra, não exercendo, portanto, o poder oriundo da riqueza, era quase inexistente sua capacidade de influência sobre seus agregados e/ou demais habitantes da região. Nesse sentido, seus votos não se consubstanciavam na garantia do voto dos seus funcionários, vizinhos e/ou familiares, e, provavelmente por isso, as escolas existentes em suas terras permaneciam relegadas ao abandono²¹.

Embora reconhecendo o clientelismo que perpassava a relação do SESM com a comunidade rural, não afirmamos que houvesse uma mera subserviência de Arantes em relação ao poder político em exercício. Ao contrário, avaliamos que a sua longa permanência no serviço público ancorou-se, primeiramente, na confluência das aspirações nutridas por ele em favor da escola com os projetos políticos implementados no momento. O período analisado caracterizou-se por um discurso positivo em torno dos investimentos em educação, amplamente divulgado pela imprensa escrita local. Nos jornais e nas revistas, abundavam matérias conclamando as autoridades políticas a assumir um compromisso com a expansão da escola, e, mesmo que aquelas não atendessem de pronto a essas reivindicações, convinham-lhes endossar o discurso, mantendo na chefia dos serviços educacionais prestados pelo município um professor entusiasta da escola como possibilidade de progresso.

Por isso, não afirmamos que a mera cooptação (LAHUERTA, 1997) sirva para explicar a longa permanência de Arantes no serviço público, durante vinte e seis anos exerceu cargos de confiança do(s) prefeito(s). Ainda que ele tenha trabalhado para atender às expectativas dos representantes políticos, não pensamos que Arantes tenha se subordinado incondicionalmente ao poder. Pois este também necessitava de sua contribuição para atender parte dos anseios da população fosse no tocante à questão educacional fosse no que se referia à história que se desejava construir para a cidade. Por isso, acreditamos que as relações que se estabeleceram entre Arantes e o poder político municipal se conformam mais no âmbito de uma “rede de sociabilidade”²² ou confluência de interesses que a partir de um caminho unívoco.

Mas, além dessa “rede de sociabilidade”, a estabilidade gozada por Arantes no serviço público assentava-se também nas próprias características do jogo político local em torno do poder existente no período, que não se definia por antagonismos ideológicos claramente delineados. Haja vista que, conforme ressaltou Rodrigues, tão frequentes quanto as dissidências internas eram as coligações partidárias. (RODRIGUES, 1989, p. 135).

Após 1945, a política partidária praticada em Uberlândia, tal qual aquela existente em todo o estado de Minas Gerais, dividia-se entre representantes do Partido Social Democrático (PSD) e da União Democrática Nacional (UDN), apoiados, sobretudo, pelo Partido Trabalhista Brasileiro

²⁰ Palestra de Antônio Pereira da Silva sobre a história da educação escolar em Uberlândia, apresentada no I Ciclo de Palestras em História da Educação, promovido pelo programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, 09 ago. 2002.

²¹ Situação que não se restringia à cidade Uberlândia e região mais próxima, uma vez que essas relações de interesse que se estabeleciam entre o poder político e a educação também foram verificadas por Fortes nas escolas rurais mineiras, localizadas no município de Belo Horizonte, onde: “... o ensino primário rural (...) sofreu forte influência dos políticos locais, que viam na escola um instrumento de barganha. Essa influência se fez sentir na instalação de escolas e na indicação de professoras”. (FORTES, op. cit., p. 92).

²² Segundo Gomes, a análise dos intelectuais a partir dessa perspectiva rompe com algumas premissas teóricas muito utilizadas em estudos da mesma natureza, quais sejam: “... a idéia de 'manipulação' dos intelectuais pelo ministro e de 'alienação e traição' por parte dos intelectuais, em função de suas ligações com as políticas ministeriais”. Por isso, ao abordar a correspondência privada de Capanema a partir da perspectiva de entendê-la como um 'lugar de sociabilidade' para os intelectuais brasileiros no período de 1930 a 1940, a autora tem como objetivo: “... realizar uma análise das relações tecidas entre ministro e intelectuais, desvendando um processo de construção identitária que abarque a figura do próprio Capanema, o papel de um ministério 'revolucionário' e o lugar da comunidade intelectual diante de ambos”. (GOMES, 2000, p. 15).

(PTB)²³. Conforme analisou Leroy em seus estudos, o revezamento daqueles dois partidos no poder não implicava mudanças substanciais na organização social, pois “Os partidos (PSD-UDN) sempre constituíram formas de representação das diferentes frações da mesma classe. Portanto, a alternância de um ou outro desses partidos à frente do governo não significou mudança de poder...”. (LEROY, 1987, p. 46).

Dessa forma, a troca de prefeitos não implicava alterações na política educacional delineada para o município e, como decorrência disso, não havia substituição no cargo ocupado por Arantes, e este permaneceu à frente dos serviços educacionais prestados pelo município durante um longo período, que compreendeu os anos de 1933 a 1959, quando, então, se aposentou. Em âmbito regional, verificou-se fato análogo, pois, durante o Estado Novo, a Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais também não registrou alteração alguma, pois o cargo de secretário foi ocupado pela mesma pessoa, Cristiano Monteiro Machado, no período ditatorial que se estendeu dos anos de 1936 a 1945. (WIRTH, 1982, p. 336).

Em suma, análise demonstrou quão imbricados estavam os laços entre a educação e a política e, principalmente, possibilitou compreender que, além de ter contribuído para a propaganda política de alguns representantes do poder municipal, o trabalho realizado por Arantes, durante o período em que foi funcionário público, serviu-lhe para conferir credibilidade e legitimidade à versão que elaborou acerca da história da cidade. Não é sem motivo que uma das representações tecidas a seu respeito incidiu sobre a sua conduta exemplar no tempo em que esteve no serviço público, pois “... sua atuação como servidor do município sempre foi pautada pela eficiência, lisura e honestidade de propósitos”²⁴.

Bibliografia

BASTOS, Tocary A.; WALKER, Thomas W. (1971). Partidos e forças políticas em Minas Gerais. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*. Belo Horizonte, Faculdade de Direito da UFMG, n. 31, p. 117-57.

BRANDÃO, Carlos R. (1983). *Casa de escola*. Campinas: Pirineus.

DESROSIÈRE, Alain (1997). Entre a ciência e o universal e as tradições nacionais. In: BESSON, Jean-Louis (Org.). *A ilusão das estatísticas*. São Paulo: UNESP, p. 167-83.

FARIA FILHO, Luciano M. de; BICCAS, Maurilane de S. (2000). Educação e modernidade: a estatística como estratégia de conformação do campo pedagógico brasileiro (1850-1930). *Educação e Filosofia*, Uberlândia, n. 27/ 28, p. 175-201, jan./jun./jul./dez. .

FORTES, Maria de F. A. (1993-1994). Escola rural mineira: observações produzidas a partir de depoimentos de antigas professoras. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 18, n. 19, p. 80-92, dez. / jun.

GOMES, Ângela de Castro (2000). O ministro e sua correspondência: projeto político e sociabilidade intelectual. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Capanema e seu ministério*. Rio de Janeiro: FGV; Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2000, p. 13-47.

KOSSOY, Boris (2002). *Realidades e ficções na trama fotográfica*. Cotia: Ateliê Editorial.

LAHUERTA, Milton (1997). Os intelectuais e anos 20: moderno, modernista, modernização. In: LORENZO, Helena C. de; COSTA, Wilma P. da (Orgs.). *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: UNESP, p. 94-114.

LEROY, Noêmia M.I. Pereira (1987). *O gatopardismo na educação - reformar para não mudar: “o caso de Minas Gerais”*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1987.

MARTIN, Olivier (2001). Da estatística política à sociologia estatística. Desenvolvimento e transformações da análise estatística da sociedade (séculos XVII-XIX). *Revista Brasileira de História*, São Paulo: ANPUH/Humanitas, n. 41, p. 13-34,.

NAGLE, Jorge (2001). *Educação e sociedade* na primeira República. Rio de Janeiro: DP&A.

RODRIGUES, Jane de F. S. (1989). *Trabalho, ordem e progresso*: uma discussão sobre a trajetória da classe trabalhadora uberlandense. O setor de serviços. 1924-1964. 1989. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo.

WIRTH, John (1982). D. *O fiel da balança*: Minas Gerais na federação brasileira 1889-1937. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Recebido em Agosto de 2004
Aprovado em Setembro de 2004

História da Educação em Perspectiva

ensino, pesquisa, produção e novas investigações

Décio Gatti Júnior & Geraldo Inácio Filho (orgs.)

Armando Martins de Barros • Carlos Henrique de Carvalho • Demeval Saviani • Ester Buffa
Euzé Galdas Pessanha • Ilen Antônio Gonçalves • José Carlos Souza Araújo • Justino Magalhães
Luciano Mendes de Faria Filho • Maria de Lourdes de Albuquerque Fátima • Maria Maria Chagas de Carvalho
Sandra Caldeira • Sérgio Colani Leite • Vera Lúcia Abrão Borges • Wenceslau Gonçalves Neto



EDUFU

AUTORES
ASSOCIADOS

